

EDUCAR E FILOSOFAR É SÓ DESVELAR

Vanda Machado*

RESUMO

Esta fala está inspirada nos diálogos com o Professor Felipe Serpa e nas discussões que povoaram as manhãs das quartas feiras das aulas de Filosofia com o Professor Dante Galeffi. Pensamentos não bateiados foram postos à mesa para um grande banquete antropofágico. Comungamos de inquietudes, turbulências e aguçamentos para a compreensão de aspectos da vida vivente. Aspectos que se situam entre a educação, a arte, a ciência e a filosofia. Ela busca focalizar uma mediação dialógica entre uma educação com lições que se repetem infinitamente iguais e uma “*pedagogia da diferença*”. Pedagogia carregada de princípios e valores da tradição afro-brasileira quando tomamos o orixá Exu como componente de um jogo jogante para tecer instabilidades potencialmente criadoras de caminhos, de coexistências e novidades polilógicas. Trata-se do Projeto Político Pedagógico Irê Ayó, implantado na Escola Municipal Eugenia Anna dos Santos na comunidade do Ilê Axé Opo Afonjá. São algumas reflexões que surgem quando entendemos que é possível um diálogo efetivo com os movimentos negros, com os movimentos sociais, fazendo valer outro senso ético outra política para uma pedagogia que aceita educar o afrodescendente na sua diferença como um ser sendo.

PALAVRAS CHAVES: diálogo transdisciplinar, cultura afro-brasileira, pedagogia da diferença, afrodescendente, patrimônio imaterial.

FILOSOFAR E EDUCAR É SÓ DESVELAR

Inã Inã mo juba aiyê

Ina mo juba[1]

Que *Exu do Fogo* que existe em cada ser, possa inflamar as nossas palavras. Que nossas palavras tomem o significado das ondas e das danças que se movem em qualquer direção. Que esta fala seja plural, e que possa se esparramar em fluxos ressonantes e se transformar no mistério da comunicação. Comunicação que na tradição afro-brasileira é da responsabilidade do orixá Exu. Comunicação que se faz com louvações, tecendo tempos e espaços transcendentais, envolvendo todo patrimônio imaterial disponível na capacidade mobilizante das rezas, gestos, cantos, danças, mitos que infestam o universo das religiões afro-brasileiras. Para que se cumpra esta função comunicante, antes de qualquer *obrigação*[2] pública, a comunidade se reúne para o *Padê*[3]. *Padê* ou *Ipadê* é um ritual de encontro. É um ritual que remete às percepções pessoais e coletivas numa polilógica de sentidos regidos por memórias e vivências da comunidade. É um ritual que dá significado às relações peculiares entre as entidades de todos os mundos, e de *Exu* com a comunidade. É um ritual interno, com a finalidade de reiterar os respeitos e consideração pelos incontáveis serviços que *Exu* presta a comunidade e a cada um em particular. Conta-se que em tempos remotos, *Exu* teria conquistado a confiança dos

2008.05.Vp.004.001(2)

homens, aprendendo e ensinando os segredos do oráculo para que estes pudessem dialogar com os orixás apresentando as suas queixas e buscando a cura para os seus males e a realização dos seus mais íntimos desejos. Isto significa que os homens, ao dar-se conta dos acontecimentos imanentes pelo jogo dos búzio[4] ou Ifá[5], vão se comunicando com os orixás, fazendo-lhes oferendas que alimentam as possibilidades, a vida e o axé. Seria esta a raiz do princípio do mobilismo heracliano de onde “tudo flui”? daquele *que não diz nem oculta... porém assinala com sua voz que ultrapassa mil anos?* Encarnado na sua existência simbiótica, nas suas diversidades e transtemporalidade, *Exu* não só está relacionado com os ancestrais femininos e masculinos mas também com tudo que existe e que se imagina existir no universo, porque *tudo é vivo*. Ele não pode ser aprisionado em nenhuma categoria. Ele é parte da natureza, do ser humano e da humanidade nas suas ambigüidades e contradições e em seus enigmas mais imponderáveis. O *Padê* é o momento em que os *atabaques*[6] falam, evocam, convocam entidades de todos os mundos, valendo-se de um código extraído da nossa mais remota configuração de humanidade. Quem sabe posso fazer minhas as palavras de Galeffi (2001, p 315) quando, apoiado em Nietzsche, nos fala de um fazer operante que tem como sentido a própria construção da humanidade do homem, na mais lúdica expressão do termo. “*Um jogo de possibilidades interpretativas, um infinito de jogos de possibilidades. E o infinito aqui não tem mais nada a ver com o mundo teologicamente acabado, mas pelo contrário, fala de um mundo em ebulição, mundo de infinitas formas, ofertadas ao perspectivismo humano*”. *Exu* é o princípio, o meio e o fim. *Exu* está na árvore, no rio, no peixe, no pássaro, na pedra e em todo ser vivente. Como elemento energético dinamizador e plasmador, ele é o que desenvolve, mobiliza, faz crescer transformar e comunicar no incessante fluxo das vivências cotidianas entre o *Orun*[7] e o *Ayê*. [8] Ele é o tudo e o nada. Seu jeito buliçoso de existir encontra ressonância no pensamento filosófico de *universo sem lógica. Um universo de lógicas infinitas, um universo polilógico*. Mas qual seria a relação entre esta prosa quase sacrílega e o jeito acadêmico de filosofar e educar?

A tradição oral reúne um sem número de histórias míticas que o homem apreende na sua existência, como adutor de valores que agem na atemporalidade. Histórias, memórias de vivências ontológicas criadas para fixar ensinamentos para uma educação iniciática de uma forma de *educar para ser*. Seria esta uma das premissas para uma educação de sujeitos autônomos e coletivos?

Entendo que esta abordagem pode até melindrar a ortodoxia intelectual da razão triunfante. Onde já se viu criar-se um diálogo filosófico incluindo *Exu*? Teria este diálogo caótico alguma possibilidade de favorecer a implicação do filosofar e o educar? Adianto que esta decisão não despreza nenhuma outra interpretação no caminho de compreensão do mundo, mas este é o lugar de onde falo. Quando assumo esta mediação dialógica e estimulante para a compreensão de princípios e valores da tradição e cultura afro-

brasileira, é por acreditar que este é um fato que não se realiza por legislação. Se uma Lei[9] se impõe para educar o afro-descendente na consideração pela sua cultura, mais importante ainda é a urgência de criar-se uma *linha de fuga* que possa acolher outra epistemologia, um outro contorno para um jeito de educar para *ser no mundo*, sendo diferente. A *Pedagogia da Diferença*, seria um caminho? Urge que sejam reabilitados e dinamizados valores cosmológicos vivenciais num mundo aberto e dialógico. Acredito em caminhos, encontros e celebrações como afirmação da vida. Caminhos que se constroem nos jogos ritualizantes no cotidiano quando o extraordinário é o prosaico. Caminhos que se realizam também na emergência das instabilidades e turbulências vivenciadas no mais profundo do ser. Instabilidades e turbulências que se identificam metaforicamente com a evolução das estruturas sociais, culturais e simbólicas. Estruturas que tencionadas coletivamente se movem, flexibilizam e se intensificam nas suas possibilidades auto-organizativas alterando as regras do jogo jogado. Seria esta uma filosofia exuniana no seu vigor originante? Conta-se que certa vez um homem muito rico tratava mal os seus empregados. Por conta de muitos desgostos, todos juntos resolveram fazer reivindicações. Para humilhar seus empregados, ele deu um pedaço de terra a cada um. Com a intenção de manter a subalternidade a que estava costumado, ofereceu-lhes milho torrado para semear nos seus próprios campos. Os empregados plantaram e o local passou a ser vigiado dia e noite para garantir que a plantação não nasceria. Então, *Exu* se deu conta da maldade e não suportou a injustiça. Resolveu dar o troco àquele falso benemérito criando uma bela estratégia.. *Exu* chegou no centro da cidade e começou a fazer brincadeiras e travessuras. Somente isso. Nas suas divertidas pintanças, as vacas começaram a voar, cavalos falaram, a lua dançou e o sol rodopiou. Foi tanto movimento que não ficou quem não corresse para ver o que estava acontecendo. Mais rápido do que a luz *Exu* entregou novos e férteis grãos de milho aos empregados que se apressaram em plantar, e para o desespero daquele homem. nunca se viu plantação mais próspera. Daí pode-se compreender que este comunicador na sua missão ensinante sinaliza que além de ficarmos atentos com tudo e com todos, é bom aprender a ser como uma semente de milho fértil que rompe qualquer submissão e se põe fora do peso de qualquer vigilância. *Exu* é um ser que desvela o que é para ser desvelado. Ele é livre como o ar que o representa no espiral dos redemoinhos e se movimenta na sua flexibilidade e mutabilidade constantes, jaculando o seu sopro transformante em qualquer direção.

Com todo respeito a este precursor dos movimentos dinâmicos dos caminhos virtuais, ele pode até ser comparado aos seres humanos. Mas nem todos. Só aqueles que jogam com o poder da imaginação e sabem onde, como e quando interferir. Aqueles que correm de um lado para o outro criando caminhos para encontros e celebrações. Aqueles que agem como cantou Raul Seixas como *os olhos do cego ou como a cegueira da visão*[10] sem escolha prévia, os que sabem tencionar poetizando e jogando com a vida. Os que se entregam a uma ressonante gargalhada. Aqueles que não param de traçar caminhos novos, e que cada dia fazem um traçado

2608.AS.VP.001.001(4)

diferente do outro. Traçados que não simplesmente se cruzam, porém também que são caminhos de encontros, mesmo que sejam encontros transitórios.

Exu se desloca com a velocidade da luz ou com o cuidado protetor de uma dona de casa. É ele quem desmancha com habilidade de artesão o que precisa ser desmanchado ainda na sua imanência, e constrói do nada o que precisa ser construído. Se pudermos considerar deste modo, vivemos como tradição a complexidade do cotidiano. Tradição que se alimenta dela própria. Os fundamentos da nossa tradição estão no fato de existir uma cadeia dialógica entre as próprias energias imanentes dos fenômenos míticos religiosos repetidos e das pulsões grupais. Neste ponto, sou novamente encorajada pela reflexão de Galeffi sobre o universo *sem lógica* ou um universo polilógico, quando indaga... "assim todas as possibilidades são igualmente válidas ou ainda, haveremos de escolher, de decidir, de recortar, de fazer com que as infinitas possibilidades se tornem apenas um campo de força que caminha em sentido determinado"? Este questionamento remete à compreensão arcaica de uma multitemporalidade e transtemporalidade onde a complexidade do tempo e do espaço mítico pode regar a idéia de um *universo em construção*, gerando um princípio de incertezas que é essencial para a criação de possibilidades e transformações. Possibilidades que também incluem o arbítrio humano e a corporeidade como fundantes de infinitos caminhos para uma vida vivente.

Nas religiões afro-brasileiras o corpo é fundante.

As religiões afro-brasileiras são caracterizadas pela idéia do corpo comprometido com os fenômenos da natureza.. Nessa perspectiva, nos colocamos na relação com as energias da natureza do cosmo de modo a vivenciá-las também no próprio corpo. *Exu Obará*, o rei do corpo, o que anima, embeleza e revitaliza. Para cada conjunto de célula que morre por dia, *Obará* faz nascer outras tantas que nos mantêm a vida. É ele que mantém vivo nas pessoas o impulso para troca de afetos libidinais e o desejo de gozos para que jamais se acabe a vida na terra. E quando o ser de cada um exulta o prazer e a vida, *Exu* se move infinitamente sem a contagem inflexível do tempo que limitaria os movimentos do corpo. *Exu* é o que faz o jogo do universo e nele estão contidas as infinitas possibilidades como a aleatoriedade do movimento, a vagueza, a desorganização. Está contida a turbulência que o homem vive como um refazer contínuo da ação e do pensamento. No ritual do *Padê*, vive-se a trama do caos, como um mistério sagrado em instâncias lúdicas. Mistério sagrado que representa para o homem a mais alta expressão daquilo que foge à idéia do que se chama lógica. São muitas lógicas onde *o bem e o mal é tudo igual*. E aí é possível confiar neste orixá de todas as possibilidades? A resposta é provisória: o arbítrio é do domínio do ser humano. *Exu* faz o jogo do universo e do homem

encaminhando pedidos, carregando as oferendas mobilizando todo o processo de restituição do que é retirado e ingerido da terra, do rio da floresta, do espaço urbano ou doméstico. *Exu* é um fractal que se integra. Ele que se divide e fica inteiro em cada ser povoando todo o *Aiyê* e todo o *Orun*. Isto justifica a compreensão de que *Exu* se firma no princípio de que todo ser. Toda matéria individualizada no *Aiyê* esta acompanhada do seu próprio *Exu*. Pulsante, ele corre os caminhos do mundo, os caminhos da vida e o caminho dos encontros amorosos e libidinais. Anfitrião que não se põe apenas diante das porteiras convencionais Ele está diante da porta do gozo por onde se concebe a vida. Está na porteira de onde brota a vida. *Exu* é a vida que brota em cada ser. É o que se divide, derrama e junta o que precisa ser juntado. *Exu* é o que vivifica e movimentado tudo que há no mundo. O que não se renova e não se recria continuamente apodrece e morre. É preciso mover-se e se aquecer sempre para manter aceso o pavio da vida. Ele é o absurdo, é o *sol que não deixa apodrecer o juízo*.

Implicada e inspirada por esta compreensão de filosofar a vida, idealizei o Projeto Político Pedagógico Irê Ayó para a Escola Eugênia Anna dos Santos na comunidade do Ilê Axé Opo Afonjá. Este trabalho propicia vivências de um processo de educação de crianças afrodescendentes e a perspectiva de formação de educadores como seres aprendentes dispostos a decidir por uma pedagogia que busque a constituição cognitiva sócio afetiva dos educandos, relacionando e elaborando fazeres e saberes numa convivência com as singularidades e instabilidades dos acontecimentos cotidianos. Estas inquietações surgem quando é possível perceber o embate entre a consciência histórica da origem do povo afrodescendente, nossa memória coletiva e um currículo conteudista e modulado que não se abala para uma pedagogia que possa contemplar as diferenças, ou para um fazer isento das ambigüidades curriculares. Ambigüidades que têm sancionado políticas que conseguem oficializar a exclusão, respondendo com evasivas ao diálogo proposto pelas subjetividades desafiantes de uma nação que é plural. Estas reflexões surgem justamente quando entendemos como Galeffi quando diz que *“enquanto perdurar a psicologia do assujeitamento aí estabelecida, a lei do diferente da diferença não terá sido ultrapassada. O seu ultrapassamento só pode ocorrer através de uma evolução cultural de longo alcance, onde o singular humano seja acolhido em sua humanidade criadora e diferente”*. Daí a universidade há de denegrir-se para o diálogo efetivo com as comunidades negras, com os movimentos sociais e fazer valer outro senso ético, outra política outra pedagogia que possa nos acolher em nossas possibilidades de ser sendo.

Laroiê!

Referencias bibliográficas

2608.AS.VP.001.001(6)

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Laços de encruzilhadas: ensaio transdisciplinares**/.Feira de Santana, Ba: UEFS, 2002.

BA, Hampate. **A tradição Viva**. In Ki-zerbo, J. (org) Historia da África. São Paulo: Atica, Paris: Unesco, 1968.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus - Mitologia primitiva**; tradução Carmem Fisher, São Paulo: Palas Athena, 1992.

COSTA, Alexandre. **Heráclito: fragmentos contextualizados/ tradução, apresentação e comentários por Alexandre Costa**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**: tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALAFFI, Dante Augusto, **O ser-sendo da filosofia – Uma compreensão poemático- pedagógica para o fazer aprender filosofia**, Salvador: EDUFBA, 2001

GALEFFI, Dante Augusto, **Filosofar e Educar**; inquietações pensantes. Salvador: Quarteto, 2003.

MACHADO.Vanda – **Ilê Axé- Vivência e Invenção Pedagógica- Crianças do Opô Afonjá- Dissertação de Mestrado- Faculdade de Educação- UFBA –1999.**

PETROVICH, Carlos e MACHADO, Vanda. **Ilê Ifé – Mitos Africanos na Educação**. – Salvador- Edufba.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza?** Ilya Prigogine: tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte: Padê Asese e o culto de Egun Baba na Bahia**: traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 1984.

SERPA, Luiz Felipe Perret, **Tecnologia proposicional e as pedagogias da diferença**, in Noésis: caderno de pesquisa, reflexão e temas educacionais em currículos e formação V.1(2000) – Salvador: Ufba/Faced/Ppge/Nepec

[1] Exu do fogo meus respeitos. (Tradução metafórica da primeira cantiga do Padê)

[2] O mesmo que ritual. Estar de obrigação ou em obrigação é não está disponível para outras atividades.

[3] Ritual de encontro entre o passado presente e o devir, devotado a Exu, o elemento dinâmico, propiciador da comunicação entre os seres humanos e as diferentes dimensões cósmicas.

[4] Jogo divinatório, primeiro contato de qualquer interessado com os rituais das religiões afro-brasileiras.

[5] Orixá masculino, o senhor da adivinhação. Jogo divinatório.

[6] Instrumentos da orquestra sagrada do candomblé.

[7] Mundo espiritual

[8] Mundo natural

[9] Trata-se da Lei 10639 de 9 de janeiro de 2004, que obriga o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

[10] Trata-se de um fragmento da canção GITA.

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. Criadora do Projeto Político Pedagógico Irê Ayó implantado na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, na Comunidade de terreiro do Ilê Axé Opo Afonjá. vanda.machado@zipmail.com.br

2008. AS.VP.001.004 (7)